

INDIFERENÇA CIVIL E INFÂNCIA: UMA ANÁLISE DA “FRIEZA BURGUESA” EM RELAÇÃO ÀS CRIANÇAS

Civil Indifference and Childhood: an Analysis of “Bourgeois Coldness” in Relation to the Children

Indiferencia Civil y Los Niños: un Análisis de la “Friedad Burguesa” en Relación con los Niños

MAGALI REIS
PUC Minas
magali_reis@pucminas.br

RESUMO Este estudo consiste em analisar a indiferença civil em relação às crianças, em duas escolas municipais da região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, as quais acolhem crianças a partir dos 6 anos de idade. A ideia de aprofundar os estudos sobre a indiferença civil em relação às crianças decorreu de duas pesquisas anteriores, as quais foram retomadas aqui, possibilitando entender o caminho percorrido por este estudo. Há uma relativa profusão de pesquisas que demonstram a exclusão das diferenças na escola, no entanto, as situações de subordinação social persistem, o que indica a necessidade de estudos que coloquem em evidência os processos de formação de um modo específico de conceber a moral social apoiada na “frieza burguesa” (*Bürgerliche Kälte*). Esse fenômeno, em razão da indiferença civil, manifesta-se nas práticas e rituais escolares, levando à dessensibilização concomitantemente à imposição das desigualdades educacionais. Os resultados da pesquisa sobre a moral fria indicam que inúmeras situações cotidianas de conflito são experimentadas na educação, nas quais a indiferença é transmitida aos alunos desde os anos iniciais de escolarização, em meio às contradições entre a proposição de educar-ensinar-formar na perspectiva da universalização do conhecimento e as desigualdades de condições objetivas de oportunidades educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: CRIANÇAS; INFÂNCIAS; TEORIA SOCIAL CRÍTICA; FRIEZA BURGUESA; INDIFERENÇA CIVIL.

ABSTRACT This study is to analyze the civil indifference to children in two public schools in the metropolitan region of Belo Horizonte, Minas Gerais, which receive children of 6 years old and more. The idea of deepen the studies on civil indifference towards children came from two previous researches, which are taken up here, allowing understand the path taken by this study. There is a relative abundance of research demonstrating the exclusion of differences in school, however, the situations of social subordination persist, which indicates the need for studies that put in evidence the processes of formation of a particular way

of conceiving social morality supported by the “bourgeois coldness” (*bürgerliche kälte*). This phenomenon, due to the civil indifference, is manifested in school practices and rituals, leading to desensitization concomitantly to the imposition of educational inequalities. Research results regarding the cold moral indicate that numerous everyday situations of conflict are experienced in education, in which indifference is transmitted to students since the early years of schooling, amid the contradictions between the proposition to educate-teach-form in the perspective of knowledge universalization and unequal objective conditions of educational opportunities.

KEYWORDS: CHILDREN; CHILDHOODS; SOCIAL CRITICAL THEORY; BOURGEOIS COLDNESS; CIVIL INDIFFERENCE.

Resumen Este estudio analiza la indiferencia civil para los niños en dos escuelas públicas en la región metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, que reciben a los niños de 6 años de edad. La idea de un mayor estudio sobre la indiferencia civil hacia los niños corrió a partir de dos investigaciones anteriores, que fueron tomadas por aquí, lo que permite entender el camino recorrido por este estudio. Hay una abundancia relativa de la investigación que muestra la exclusión de las diferencias en la escuela, sin embargo, la situación de subordinación social persisten, lo que indica la necesidad de estudios que ponen en evidencia los procesos de formación de una manera particular de concebir la moral social apoyada en la “frialdad burguesa” (*bürgerliche kälte*). Este fenómeno, debido a la indiferencia civil, se manifiesta en las prácticas escolares y rituales, que conduce a la desensibilización concomitantemente la imposición de las desigualdades educativas. Resultados de la búsqueda en la moral fría indican que numerosas situaciones cotidianas de conflicto tienen experiencia en la educación, en el que la indiferencia se transmite a los estudiantes desde los primeros años de escolaridad, en medio de las contradicciones entre la proposición educar-enseñar-formar en perspectiva la universalización de los conocimientos y de las condiciones objetivas de la desigualdad de oportunidades educativas.

PALABRAS CLAVE: NIÑOS; INFANCIAS; TEORÍA CRÍTICA SOCIAL; FRIALDAD BURGUESA; INDIFERENCIA CIVIL.

INTRODUÇÃO

Este estudo consiste na análise da indiferença civil em relação às crianças, em duas escolas municipais de Ensino Fundamental da região metropolitana de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, as quais acolhem crianças de 6 anos de idade em diante. A ideia de aprofundar os estudos sobre a indiferença civil em relação às crianças decorreu de duas pesquisas anteriores, as quais foram aqui retomadas a fim de demonstrar o caminho percorrido por este estudo. A primeira pesquisa refere-se à análise da persistência das desigualdades educacionais, em uma rede pública de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais. A segunda pesquisa faz referência ao aprofundamento das análises teórico-conceituais e metodológicas relativas à Teoria Crítica da sociedade, formulada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, e sua relação com a educação, especialmente no que tange aos trabalhos de Andreas Gruschka a respeito da frieza como sendo um mal-

-estar moral da cultura burguesa¹ na educação, e à metodologia da pesquisa Hermenêutica Objetiva desenvolvida por Ulrich Oevermann.

De acordo com Gruschka (2014, p. 53):

O mal-estar moral na ordem burguesa foi um motivo essencial para a Teoria Crítica da sociedade. Os textos de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno permanecem atuais porque, como poucos, retomaram os fenômenos social-filosóficos da frieza.

As pesquisas realizadas reafirmaram a necessidade de dar amplo conhecimento aos aspectos mais formais da dinâmica da sala de aula e da escola. Nesse sentido, analisar e interpretar os dados estatísticos fornecidos pelo Ministério da Educação, os quais foram obtidos por meio de avaliações sistêmicas, permitiu que as instituições estudadas se percebessem em sua complexidade, contudo, isso foi insuficiente para oferecer respostas às tensões encontradas no campo de pesquisa.

No estudo apresentado ao longo deste artigo, foram selecionadas duas escolas situadas em um polo industrial provido de serviços públicos, como: postos de saúde, um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), um hospital maternidade e duas escolas de educação infantil. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Educação (SMED), essas escolas dispõem de excelente infraestrutura, são bem equipadas, e seus professores possuem formação inicial em nível superior, sendo que cerca de dois terços deles têm qualificação em nível de especialização *lato sensu*. Além disso, também foi enfatizado pela SMED que 80% dos professores se situam no topo da carreira docente, com salários mais altos. Embora a situação das duas escolas selecionadas pareça alcançar as condições ideais para que o ensino ocorra de modo satisfatório, foram tomadas as contradições entre as condições supostamente ideais de ensino e o baixo desempenho dos estudantes em avaliações sistêmicas como elemento fundamental da análise fundamentada na Teoria da Semiformação de Theodor W. Adorno.

HERMENÊUTICA OBJETIVA E PESQUISA EMPÍRICA

A metodologia de pesquisa adotada para o estudo sobre a Indiferença Civil baseou-se na análise sociológica da Hermenêutica Objetiva,² elaborada por Ulrich Övermann e seus colaboradores, entre eles: Andreas Gruschka, na Alemanha. Essa opção metodológica diz respeito a duas questões que orientam este estudo: a primeira refere-se ao estado da arte das abordagens qualitativas em geral, que indica haver especialmente dois problemas: um quanto à metodologia e outro quanto à prática de pesquisa; a segunda relaciona-se à arte da interpretação, à hermenêutica, a qual oferece contribuições significantes ao desenvolvimento dos métodos de pesquisa e da análise de dados qualitativos. Entre as diferentes correntes de inspiração hermenêutica, foi enfatizada a Hermenêutica Objetiva, a qual se encontra vinculada à Teoria Crítica da sociedade.

¹ Conceitualmente, na língua alemã, *burguês* designa o cidadão, nesta acepção trata-se da frieza do homem comum.

² Doravante, a expressão Hermenêutica Objetiva será nominada por HO.

A análise hermenêutica articulada à Teoria Crítica da Educação tem permeado o pensamento pedagógico como uma importante discussão no que se refere à aproximação das práticas históricas, sociais e culturais (WELLER, 2010). Os estudos de Vilela (2007, 2010) enfatizam a intenção declarada pelo criador da metodologia – a Hermenêutica Objetiva – e as peculiaridades de seu processo de análise. Essa metodologia é operada de forma reconstrutiva para fazer emergir as estruturas latentes da escola, possibilitando objetivá-las, característica essa que torna a HO um processo que procura superar uma dimensão generalizada em orientações sociológicas, inclusive na estruturalista, que seria a de operar um processo metodológico que resulta da subsunção dos dados a um parâmetro teórico estabelecido. De acordo com Vilela (2007, p. 239):

As contribuições de Adorno parecem ser adequadas para amparar ações pedagógicas que almejem: realizar uma escolarização bem-sucedida; formular currículos que contemplem as diferenças socioculturais; reconsiderar o sentido das diferenças, para que estas não se convertam em desigualdades e injustiças.

Desse modo, o discurso e as práticas educativas passam a ser a base para legitimar a importância e a utilização do método, uma vez que as metas para as tomadas de decisão e ação pedagógicas, as quais adquirem validade e legitimidade, encontram-se no discurso dos indivíduos, num consenso pautado na razão e na ideia reguladora de uma comunicação sem estruturas de poder. Em contraste com a *geisteswissenschaftliche Pädagogik* – que aborda a educação principalmente no contexto da história das ideias – e com a *empirische Pädagogik* – que investiga somente áreas pontuais da realidade educativa –, a Ciência Crítica da Educação procura compreender a ação educativa como prática social, historicamente mediada, condicionada à interdependência entre o respectivo sistema de ensino e a estrutura da sociedade. Nesse sentido, a interpretação hermenêutica das condições sociais e dos teoremas de educação conduz a questões que precisam ser empiricamente revistas; os resultados empíricos alcançam o seu lugar e importância apenas no contexto de condições sociais condicionadas historicamente (VILELA, 2011, p. 1).

Desse modo, e de acordo com o que foi explicitado, a HO fundamenta-se na tradição hermenêutica, uma vez que esse método desenvolve-se a partir da análise de textos segundo a lógica da ciência hermenêutica. A hermenêutica filosófica refere-se principalmente à Teoria do Conhecimento de Hans-Georg Gadamer, conforme desenvolvida em sua obra *Verdade e Método (Wahrheit und Methode)*. Para Gadamer (1998, 2007), as questões da estrutura dialógica de linguagem são concebidas como orientadoras do mundo e da relação entre pensamento e linguagem. O autor não apenas esclarece os pressupostos de sua hermenêutica filosófica como a intensifica na proposta de uma hermenêutica da escuta, na escuta, para a escuta da alteridade do homem.

A tradição hermenêutica indica que essa metodologia deve ser capaz de estabelecer os princípios gerais de toda e qualquer compreensão e interpretação das manifestações linguísticas. Herdeira dessa tradição, a HO tem como premissa constitutiva a de que o mundo que nos é revelado é produzido com sentidos através da linguagem, sendo o texto a

sua materialidade (VILELA, 2011). No Brasil, os estudos pioneiros de Vilela (2007, 2010, 2011) têm se desenvolvido no âmbito da sala de aula, com gravações integrais de aulas escolhidas de acordo com o objetivo da investigação. Na pesquisa sobre a indiferença civil, foram gravadas aulas de 12 professores pertencentes às duas escolas selecionadas para o estudo, perfazendo um total de cerca de 164 horas/aula.

ORIENTAÇÕES DE ANÁLISE

Considerando os aspectos metodológicos relativos à HO já descritos, e de posse das transcrições e codificações das aulas, escolhidas para a pesquisa³ e previamente gravadas em aparelho digital, as orientações de análise seguiram cinco regras. Segundo Vilela (2010) e Pflugmacher (2010), essas regras visam objetivar a análise, ou seja, conduzi-la de tal forma que a interpretação possa ater-se ao fato revelado e registrado no texto (protocolo), evitando, assim, projeções subjetivas. São elas, com suas condições principais: Sequencialidade (*Sequenzialität*) – o texto deve ser analisado desde a primeira palavra registrada, cada frase, do começo ao fim; Independência do contexto (*Kontextfreiheit: Kein Rückgriff auf Vorannahmen*) – a interpretação deve ater-se à situação registrada, não deve acrescentar informações com base em conhecimentos preexistentes (condutas típicas de professor de determinado estabelecimento, por exemplo); Literalidade (*Wörtlichkeit*) – o intérprete deve decifrar o que está escrito e não tentar fazer conjecturas sobre o que foi pensado pelo agente da expressão que está em análise; Substancialidade da informação (*Extensivität*) – no lugar de fazer conjecturas, deve-se sustentar hipóteses explicativas que se sucedem e permitem que a mais plausível se estabeleça; Parcimônia (*Sparsamkeit*) – reitera a condição estabelecida nas regras anteriores: evitar conjecturas acerca do que está informado no registro, renúncia ao fictício, às considerações “exóticas”, ao improvável.

Tanto Vilela (2011) quanto Pflugmacher (2010) enfatizam que, seguida às regras já arroladas, a explicação final revela a estrutura de cada aula analisada, possibilitando que a tensão entre o que estava aparente e o que de fato representa se revele e, no aspecto que interessou ao estudo sobre a Indiferença Civil, permitiu analisar as formas pelas quais a moral da frieza se manifesta (ou não) no cotidiano escolar. Os dados obtidos por meio dos registros de aulas e caderno de campo, apresentados neste artigo, foram analisados por intermédio dos protocolos de pesquisa, fundamentados na hermenêutica objetiva.

SUJEITOS E CONTEXTOS

O estudo é resultante de um projeto de pesquisa financiado com recursos do Conselho nacional de Pesquisa (CNPq), como parte das atividades do Grupo de Teoria Crítica e Pesquisa Empírica, coordenado pela professora doutora Rita Amélia Vilela, em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre educação da Infância Cultura e Sociedade, coordenado

³ No caso da pesquisa sobre a indiferença civil, foram gravadas as aulas de língua portuguesa e matemática, as quais foram escolhidas por receberem maior ênfase nas avaliações sistêmicas, como as do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE) e a Provinha Brasil.

pela autora deste artigo, professora doutora Magali Reis, ambos registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Para a realização dos estudos relativos à indiferença civil, foram selecionadas duas escolas municipais de Ensino Fundamental da região metropolitana de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, as quais atuam com o primeiro ano desse nível de ensino, atendendo crianças a partir de 6 anos de idade. As escolas foram identificadas como EF1 e EF2, a fim de preservar a sua identificação. O trabalho de campo contou com duas bolsistas de iniciação científica e as análises dos registros de campo e dos protocolos de análises foram realizadas por uma equipe de pesquisadores ligados aos grupos citados. A equipe de pesquisa permaneceu no campo por seis meses, sendo três meses no segundo semestre de 2012 e seis meses no primeiro semestre de 2013, as observações ocorriam quatro dias por semana, quando foram feitos os registros no caderno de campo e as gravações de aula constituindo um acervo com cerca de 260 horas de gravação.

Foram eleitas como sujeitos desta pesquisa as crianças matriculadas nas referidas escolas, os professores e a equipe gestora dessas unidades de ensino, além das famílias das crianças. As crianças foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: crianças brancas e negras, meninos e meninas, de diferentes orientações religiosas, todas na faixa etária de 6 anos a 7 anos de idade e em condições socioeconômicas semelhantes; quanto aos critérios de escolha das famílias, foram selecionadas as brancas, negras, miscigenadas, com orientações religiosas distintas, com diferentes composições estruturais (nucleares, monoparentais, homoparentais e reconstituídas); quanto à escolha dos professores, foram selecionados os que atuam direta ou indiretamente com as classes do primeiro ano do Ensino Fundamental. Foram ouvidos ainda os gestores de ambas as escolas.

Com o objetivo de preservar a identidade dos depoentes, foi solicitado que cada um dissesse como gostaria de ser identificado na pesquisa. As crianças indicaram nomes próprios, e, neste artigo, são citados os nomes de Maria e Guilherme, ambos fictícios. Entre os professores, houve o consenso de que a melhor forma seria a codificação utilizando a letra “P” seguida de numeral, indicando a ordem da entrevista. Neste artigo, citamos as professoras P1 e P9, ambas do primeiro ano do Ensino Fundamental, atuando na mesma unidade escolar.

Ademais, foi realizada a observação dos espaços onde, no âmbito das unidades de ensino selecionadas, as crianças construam sua sociabilidade, pois eles constituíram um referencial importante na construção das hipóteses e da interpretação dos dados deste estudo.

PERSISTÊNCIA DAS DESIGUALDADES E INDIFERENÇA CIVIL

Durante a realização da pesquisa sobre a indiferença civil, algumas questões foram fundamentais para a compreensão do fenômeno estudado. Foi observado que houve, nas escolas estudadas, no período de 2012 a 2013, dois modelos de gestão: um macro e um micro, os quais foram incapazes de envolver as diferentes forças sociais implicadas nos processos de educação, como os professores, os gestores do ensino, as famílias e as lideranças locais. Esse é um fator dificultador para a implementação de políticas efetivas e eficientes na superação

das atuais condições de desigualdade educacional encontradas no universo pesquisado. Tal característica de gestão escolar dificulta ainda o estabelecimento de regras e o planejamento pedagógico que possibilitem novas práticas emancipatórias na escola. Além disso, os mecanismos de promoção da igualdade⁴ utilizados pelos gestores para a diminuição das desigualdades no ensino não repercutiram de forma positiva na realidade pesquisada.

Esse fenômeno da persistência da desigualdade nas escolas ocorre uma vez que a justiça e a igualdade são confundidas como sinônimas. A igualdade presente na escola tende para a homogeneização das relações, a padronização dos estudantes sob a chave da categoria totalizadora “aluno”, que escamoteia as diferenças individuais, gerando a injustiça como fator de desigualdade. A orientação para uma unidade totalizadora converte-se em uma forma de violência contra a diferença, conforme analisaram Adorno e Horkheimer (1985), levando-se em conta que a diferenciação é elemento fundamental para o indivíduo conquistar sua singularidade (ADORNO, 1996). Em outros termos: “[...] o mandamento moral das condições humanas gerais deixa-se assim ser relativizado e limitado a uma parcela da humanidade” (GRUSCHKA, 2014, p. 99).

Um aspecto importante ressaltado neste estudo diz respeito à falta de condições para que as escolas e suas equipes de trabalho assumam responsabilidades correspondentes à resposta às expectativas comuns, aos planos pedagógicos, às famílias e aos estudantes, ao entorno econômico e cultural, demarcadas pela abertura à prática e à exigência de uma formação emancipatória. E isso é algo que ainda é difuso e desarticulado do contexto socioeconômico e cultural da região estudada, levando à persistência da desigualdade e da semiformação, como se verá mais adiante.

A elevada formação docente também é outro aspecto que chama a atenção nas escolas pesquisadas. Foram encontrados vários professores com nível superior e um número significativo de professores com título de especialistas, ou de mestres. Porém, não raras vezes, foi observado que os professores encontram dificuldades em lidar com o ensino de maneira a cumprir o papel da escola: educar, ensinar e formar, especialmente nas camadas mais pobres da sociedade, fator que merece um estudo mais aprofundado.

Foi verificada ainda a inexistência de algum tipo de avaliação quanto ao desempenho dos docentes, especialmente no que diz respeito à percepção dos estudantes (as crianças) sobre a atuação direta e indireta dos adultos, bem como acerca das expectativas das crianças quanto à formação desses profissionais.

Ainda, a aproximação com o campo de pesquisa possibilitou reafirmar a ideia de que a pobreza e a exclusão são geograficamente concentradas, e o crescimento e a prosperidade para a sociedade como um todo não necessariamente contribuem para reverter os processos de degradação nas áreas mais pobres.

Porém, nas unidades de ensino estudadas, o que chamou a atenção e que suscitou a proposição do presente artigo foi uma série de fatos e procedimentos de ensino que levaram à identificação de certas posturas dos adultos em relação às crianças. Essas posturas

⁴ Por mecanismos para a promoção da igualdade compreende-se: as orientações, as estratégias e as regulamentações relativas aos processos pedagógicos que ocorrem dentro e fora da sala de aula; os programas; os registros; os critérios de financiamento; as normas de gestão das unidades escolares; entre outros.

foram reconhecidas nos padrões pelos quais a escola procura equacionar a problemática da universalidade social da educação para desenvolver a formação do senso de justiça capaz de despertar em cada aluno, em cada criança, a noção de solidariedade, como a proteção e promoção dos indivíduos mais vulneráveis.

No entanto, foram recorrentes as observações quanto ao isolamento de crianças com necessidades educacionais específicas e também daquelas que apresentavam maiores dificuldades na aquisição de conhecimentos, ou qualquer peculiaridade que marcasse uma diferença. As crianças eram induzidas a não estabelecerem interação em sala de aula, como se verifica na seguinte descrição baseada na observação:

“A professora passa a lição na lousa e aguarda a cópia pelo alunos. Maria é uma das crianças que tem mais dificuldade com a tarefa. Sandra, sua colega, vizinha de carteira, procura auxiliá-la, mas é corrigida pela professora que pede para ela voltar ao seu lugar. No entanto, a professora não vai ao encontro de Maria para auxiliá-la, embora a menina esteja visivelmente apreensiva com o exercício. Maria ergue a mão pedindo o auxílio da professora, a esta pede para que ela espere. A professora se distrai com outra criança, e Maria⁵ a espera. A aula termina e Maria não obteve o auxílio solicitado” (Caderno de Campo, junho de 2013).

Em outra observação, foi reconstituída a seguinte cena:

“Guilherme é o menino mais franzino da turma, chega sempre com a roupa surrada, e por vezes suja. Fica sonolento durante o início da aula. Coloca a mão no estômago, várias vezes [...] [a observação prossegue no pátio]. Durante a distribuição da merenda, demonstra estar com muita fome. Solicita à merendeira um pouco mais de merenda e a ela diz que ele não pode repetir, pois não é justo com as outras crianças que ainda não lancharam. Guilherme abaixa a cabeça e sai, senta-se no canto do pátio. Observa outros meninos que brincam com a comida. Leila aproxima-se dele e oferece um pouco do seu lanche, Guilherme aceita, mas Leila é repreendida pela merendeira” (Caderno de Campo, setembro de 2010).

A duas cenas retratam experiências de indiferença dos adultos em relação às crianças, atitudes que, por vezes, foram copiadas pelas crianças. Na primeira cena, o ocorrido foi discutido com a professora, e ela explicou que não podia dar atenção individualizada para nenhuma criança e que Maria sempre a solicitava mais que as outras crianças. Para a professora, não seria justo com as outras crianças dar mais atenção para Maria e que ela (a professora) fazia o que podia, mas não tinha condições de dar uma atenção diferenciada para todas. Gruschka (2014, p. 5) analisa que situações como as relatadas inscrevem-se na moral fria, pois:

Apesar da variação no sentido da aplicação da metáfora da frieza, frequentemente marcada por sentimentos subjetivos, com a sua declarada intenção de protesto, ela se refere a algo objetivo e geral. Nela se expressa exemplarmente o mal-estar pelo estado moral da sociedade burguesa.

⁵ Os nomes são fictícios para preservar a identidade das crianças, conforme dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

De acordo com o autor, a escola, como instituição, está marcada essencialmente por um “currículo oculto” da frieza (GRUSCHKA, 2014, p. 147). Entretanto, a percepção presente no pensamento pedagógico contemporâneo, relativo à universalização do ensino, coaduna com a proposição da escola como um espaço privilegiado de promover o ensino, isto é, um espaço de transmissão de conteúdos necessários ao mundo do trabalho, ao conhecimento das coisas do mundo, mas também como um espaço de socialização, em que o ato de educar indique a inserção igualitária dos sujeitos na sociedade, e, por fim, como um lugar de formação dos sujeitos para a emancipação, para a autonomia, de modo que sejam capazes de produzir a si mesmos, de autoeducar-se e de apropriar-se das coisas do mundo e vice-versa, de modo que essa dupla relação possa ser descrita como a tarefa de envolver-se nas coisas do mundo.

Contudo, foram observadas também, nas escolas pesquisadas, outras formas de ação semelhantes às dirigidas a Maria e ao Guilherme, indicando que há, na escola, um conjunto de regras, normatizações e condutas que levam à desigualdade educacional e à persistência da legitimação de mecanismos de seleção no âmbito da própria escola que impedem seu projeto universalista. Tais mecanismos nem sempre são explicitados no currículo, mas aparecem nas formas de controle, disciplina e segregação das crianças, conforme pode ser observado na transcrição e análise a seguir:

“A professora registrou na lousa [quadro-negro] a atividade que deveria ser desenvolvida individualmente pelas crianças. Todas permaneceram em silêncio sob o olhar vigilante dela. Após cerca de 15 minutos, algumas crianças concluem a tarefa e a levam à professora. Ao retornarem às suas carteiras, algumas conversam e trocam informações sobre o tema da tarefa. A professora grita: - ‘Quem terminou senta e descansa a cabeça na carteira!’” (P1, EF2, Caderno de Campo, 2013).

Diante da insistência de um garoto que almejava auxiliar o colega em dificuldade, a professora novamente elevou o tom de voz e disse:

“- Se você já terminou fica quieto, não é pra ajudar o outro” (P1, EF2, Caderno de Campo, 2013).

A insistência na ideia de que o conhecimento é construído individualmente e que o compartilhamento de experiências pode gerar desvantagens para os estudantes considerados mais espertos, ou mais inteligentes, pela professora, dão a tônica ao processo formativo. Em entrevista à professora P1, indagou-se sobre o isolamento das crianças nos processos de ensino-aprendizagem, ao que ela respondeu:

“Tem aluno que é folgado desde pequeno, que quer se aproveitar dos mais espertos, dos mais estudiosos. Tenho que garantir que as crianças tenham as mesmas condições e que nenhum deles apenas se aproveite do que o outro sabe. Todos aqui têm que ter a mesma condição, e vai depender do esforço de cada um aprender” (P9, EF1, Caderno de Campo, 2013).

A percepção de igualdade de oportunidades está aí colocada, um aspecto da moral fria que se revela na indiferença em relação às distintas temporalidades das aprendizagens e às desigualdades individuais, no egoísmo, no estímulo da competitividade e na seletividade social baseada na lógica do mais forte, ou do melhor. Tal ideia tem suas raízes na perspectiva conservadora, que, segundo Gruschka (2014, p. 99), “desde sempre quis comprovar com grande esforço que a frieza é mais humana que a moral progressiva do progresso, que a equalização das chances na vida e a política social compensatória”.

Em muitos episódios de nossa vida cotidiana, experimentamos situações de extremo individualismo, ou de indiferença em relação à dor, ao sofrimento do outro ou à sua exclusão social. Passamos diante de uma família inteira morando na rua e pensamos: “O que eu posso fazer quanto a isso? Não é problema meu!”, ou simplesmente damos de ombros, o que indica que a frieza está tão arraigada que nem a presumimos.

Uma situação emblemática do grau de frieza de uma sociedade pode ser percebida ainda na criação dos bancos de praça “antimendigo”: uma estrutura de concreto com assentos delimitados por arcos de ferro em cima do assento e abaixo dele. Essa estrutura fria impede que um morador de rua se deite sobre o banco, ou busque abrigo sob ele em um dia de chuva. Mesmo numa situação degradada e degradante como a exposição à rua, os humanos podem ser ainda mais frios, levando não apenas à exclusão como também à contínua humilhação do outro.

Nesse sentido, as estruturas são frias, pois elas decorrem de pessoas frias, as quais são frias seja pela indiferença, seja por serem frias em si, sustentando, conforme analisa Gruschka (2014), estruturas das quais emana a frieza. Diante da frieza da sociedade, uma questão que merece destaque diz respeito ao como nos tornamos frios. Um aspecto analisado no campo pesquisado foram as inúmeras situações em que a experiência da frieza é ensinada, ou imposta pelos adultos, como na partilha do material ou do lanche, por exemplo, sobre o que se observou os seguintes comentários das professoras:

“Cada um com seu material, quem não trouxe vai ficar sem pra aprender a prestar atenção nas suas coisas” (P1, EF1, Caderno de Campo, 2013).

“Não é pra dividir o lanche eu já falei, cada um com o seu” (P9, EF1, Caderno de Campo, 2013).

Foi observado ainda que as marcas dos processos vividos pelas crianças na sala de aula, na constituição de seu processo formativo reafirmam o desenvolvimento de uma moral da frieza e indiferença em relação à diversidade na escola, isto é, ao confronto das diferenças sociais, étnico-raciais, de gênero, de grupo social de pertença, de idade, religiosas, entre outras, que ocorrem nesse espaço de convívio coletivo.

Embora haja uma profusão de pesquisas que demonstram a exclusão das diferenças na escola, as situações de subordinação social persistem, o que indica a necessidade de novos estudos que deem conta da formação da moral social baseada na frieza.

Em meio às contradições entre a proposição de educar-ensinar-formar num processo de universalização do conhecimento e as desigualdades de condições objetivas de oportunidades educacionais, inúmeras situações cotidianas de conflito são experimentadas na educação, nas

quais a moral da indiferença é transmitida aos alunos desde o início de sua escolarização. Ainda segundo Gruschka (2014), essa frieza também vai além da educação pública, ela atinge todos os campos sociais, como os serviços sociais e de saúde, a economia, entre outros. Nesses campos, a indiferença civil é compreendida como uma operação econômica calculada, que naturaliza não apenas a situação de pobreza e exclusão como também a situação de subordinação e aceitação passiva das desigualdades, levando à semiformação generalizada.

As reflexões trazidas com a pesquisa empírica suscitaram novas problematizações de tal modo que o aprofundamento dos estudos no campo da Teoria Crítica da Educação veio ao encontro delas, pois, segundo Vilela (2007, p. 227):

[...] ela implica em uma reflexão teórica, dialética, profunda e sutil entre a “gênese” do fenômeno analisado e a sua “validade concreta ou empírica”, isto é, como ela é reconhecida. Essa dialética não está separada da forma e do sentido da experiência, como as pessoas viveram e como a apreenderam. A gênese e a validade do fenômeno são uma coisa só.

A Teoria Crítica da sociedade, conforme formulada por Theodor Adorno, possibilita desvendar questões relativas ao campo educacional. E as contribuições dessa teoria nos permitem pensar a problemática da educação contemporânea e os limites e possibilidades da escola de efetivar a tríade educar-ensinar-formar. Em especial, o que mais interessou foi o potencial dessa teoria para o empreendimento da pesquisa empírica sobre a moral da indiferença, como também acerca da semiformação, como já visto.

SEMIFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

O estudo empírico relativo ao fenômeno educativo, fundamentado na Teoria Crítica da sociedade, apresenta possibilidades analíticas capazes de colocar em destaque que, subjacente a um modelo que se pretende democrático, inclusivo e abrangente, está, em verdade, um modelo de formação herdado do neoliberalismo, o qual apenas reforça o *status* vigente e produz a semiformação das crianças.

Para Adorno e Horkheimer (1985), a ideia de semiformação é parte constitutiva da reprodução da vida sob o monopólio da denominada cultura de massa, apresenta-se como a objetificação coisificada, isto é, a reificação do sujeito. Desse modo, os dois filósofos alemães compreendem que as “massas” são semiformadas de maneira a confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural. A semiformação vai muito além de uma “perturbação pedagógica” no interior de determinada situação social educacional. Refere-se a uma forma ordenada da sociedade contemporânea determinada conforme certo modo de produção social dos homens e, somente nesse âmbito, pode ser apreendido.

A partir da Teoria da Semiformação, podemos refletir, de forma crítica, sobre os problemas da educação no mundo contemporâneo de modo geral e, de maneira particular, da educação mineira, belo-horizontina, por meio das categorias desenvolvidas por Adorno, as quais têm como eixo central de discussão o processo de decadência cultural e suas consequências para as novas gerações.

O conceito de *Bildung* (formação) teve origem no século XVIII, na língua alemã. A palavra *Bildung* não possui equivalente em outras línguas, e esse fato torna mais complexa a compreensão desse conceito. Essa particularidade do conceito pode ser percebida quando buscamos palavras semelhantes em outras línguas: em francês, a palavra mais próxima seria *formation*; em inglês, seria *formation*. Porém, de acordo com Adorno e Horkheimer (1985), esses termos são incapazes de expressar a complexidade do conceito de *Bildung*, são, no máximo, reproduções mecânicas dele. Para as Ciências da Educação, é constitutivo o princípio que afirma que a educação e a *Bildung* têm como objetivo a autonomia do sujeito, o que equivale a afirmar que a motivação que orienta o conhecimento nas Ciências da Educação é a emancipação. Seguindo essa orientação de pensamento, o conceito de autonomia está relacionado unicamente ao sujeito singular, enquanto que, no âmbito da Ciência Crítica da Educação, a *Bildung* dirige-se à sociedade como um todo, aspecto importante da *Bildung* para a compreensão da frieza e da indiferença civil.

Desse modo, o postulado da emancipação deve relacionar-se com a discrepância entre a realidade e a possibilidade de processos educativos, entre os fatos e o ideal de condições educacionais, tendo como ponto de referência histórico-político um modelo de sociedade no qual as condições mais livres, justas e solidárias de coexistência sejam possíveis. No entanto, durante a pesquisa de campo, foram observados indicativos de que há uma “indiferença” relativa às crianças, sejam elas abastadas ou pobres, expressa por formas autoritárias em certos momentos, licenciosas em outros, ou simplesmente por formas de exclusão expressas nos discursos e nas práticas dos adultos em relação aos mais novos. Esse tipo de indiferença pode ser constatado nas escolas públicas pesquisadas e também vem sendo verificado em escolas particulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos relativos à frieza burguesa revelaram que as crianças tanto aprendem quanto experimentam a moral fria, sendo, em muitas situações, condicionadas à indiferença tanto quanto elas mesmas são vítimas da frieza. A consequência desse tipo de processo de aprendizagem é a materialização da dessensibilização, desenvolvendo uma frieza sistemática diante da contradição do que é e o que deve ser.

Desse modo, a frieza é um conceito social e cultural que permeia as ideias e os ideais. A categoria analítica da moral fria refere-se a uma dificuldade de arbitrar sobre a própria vida humana, e essa definição é feita subjetivamente pelos adultos e imposta às crianças. Em cada caso, a infância não é um fenômeno estático nem um objeto universal da natureza humana com fundo naturalista, é um quadro relativo de ideias, as quais definem a experiência de ser uma criança, que consiste de uma variável no espaço e no tempo da categoria sociológica que não pode ser estudada de modo isolado do restante da sociedade. As invenções social e cultural da infância confirmam a dramática mudança de sua imagem e as concepções de crescimento infantil em geral. Tais invenções são fatos que diferem no tempo e no espaço, havendo dissensão não só entre pesquisadores, mas também entre as pessoas comuns, em períodos distintos, a respeito de como a criança é percebida na sociedade. Em diferentes fases da história humana, foram construídas concepções de infância,

as quais foram registradas apenas sobre o ponto de vista dominante, representando a sua invenção ou sua recodificação em cada período. Contra a frieza, as ações acaloradas são necessárias para que haja mudanças. Essas ações são decorrentes dos movimentos sociais pela justiça social, ou seja, pela superação das extremas desigualdades que persistem na nossa realidade.

A diferença de condições de vida e do nível de bem-estar entre as crianças de diferentes extratos sociais caracteriza as infâncias. Não há, então, uma “infância”, mas muitas e diversas “infâncias”. Buscando responder à questão inicial sobre como nos tornamos frios, insensíveis e indiferentes às desigualdades sociais, acerca de como operamos continuamente, de modo intencional ou não, para que as desigualdades persistam e a respeito do que acontece com os perigos sociais que ameaçam a infância hoje, este estudo mostrou que, embora as crianças sejam consideradas um bem valioso para a sociedade, na realidade estudada, elas continuam a ser uma categoria com elevado índice de pobreza socioeconômica e vivem em condições degradantes.

Dessa forma, é função do Estado, das famílias, dos adultos, isto é, da sociedade como um todo, garantir às crianças condições dignas de vida, buscando superar a moral fria que perpassa a trajetória de vida das novas gerações, de modo a superar as desigualdades e enfrentar a disfunção que ocorre no quadro referencial da escola, da família e da própria sociedade, para, assim, definir quais são os interesses e as necessidades das crianças, garantindo em curto, médio e longo prazo, que essas necessidades e esses interesses sejam de fato supridos e respeitados no âmbito de uma sociedade que de fato seja justa, emancipatória e que promova a dignidade de todos, respeitando as diferenças culturais, religiosas, etárias, de gênero, étnico-raciais e sendo capaz de superar as desigualdades educacionais, sociais e a moral baseada na frieza.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T., HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos, 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Negative Dialektik**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.

ADORNO, Theodor. Teoria da Semicultura. **Educação e Sociedade**. Ano XVII, n. 56, 1996.

BENJAMIN, W. **Gesammelte Schriften**. Ed. R. Tiedemann, H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main, Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft, 1991, v. VI.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução Flávio Paulo Meurer, 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

GRUSCHKA, Andreas; et al. Bürgerliche Kälte und Gesellschaft. **Pädagogische Korrespondenz**. Heft 18, 1996, S. 49-72.

GRUSCHKA, Andreas; et al. **Negative Pädagogik**: Einführung in die Pädagogik mit Kritischer Theorie. Frankfurt: Büchse der Pandora, 2004.

GRUSCHKA, Andreas; et al. **Frieza Burguesa e Educação**: A Frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

KRAIMER, Klaus (2000). **Die Fallrekonstruktion. Sinn-Verstehen in der sozialwissenschaftlichen Forschung**. Frankfurt/Main: Suhrkamp Taschenbuch.

OEVERMANN, Ulrich (1981). **Fallrekonstruktion und strukturgeneralisierung**. Frankfurt/M. Download-Datei: <http://www.rz.uni-frankfurt.de/~hemeneu>.

OEVERMANN, Ulrich (1986). **Kontroverse über sinnverstehende Soziologie. Einige wiederkerende Problema und Missverständnisse in der Rezeption der “objektiven Hermeneutik”**. In.: **AUFENANGER und LENSEN (HG)**. Handlung und sinnstruktur. Bedeutung und Anwendung der objektiven Hermeneutik. München.

PFLUGMACHER, Torsten. **Empirische Rekonstruktionen zu erziehendem Unterricht**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2010 (Texto digital).

PUCCI, Bruno. A Dialética Negativa enquanto metodologia de pesquisa em educação: atualidades. **Revista e-Curriculum** (PUCSP), v. 8, p. 1-24, 2012.

PUCCI, Bruno; COSTA, Belarmino C.; DURÃO, Fábio A. (Org.) **Teoria Crítica e Crises**: reflexões sobre Cultura, Estética e Educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. Críticas e possibilidades da educação e da escola na contemporaneidade: lições de Theodor Adorno para o currículo. **Educação em Revista** [on-line]. 2007, n. 45, p. 223-248.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. Teoria Crítica e pesquisa empírica: metodologia hermenêutica objetiva na investigação da escola contemporânea. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio Álvaro; LASTORIA, Luiz Antônio C. N. (Org.), 2010. **Teoria Crítica e Inconformismo. Novas perspectivas de pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

VILELA, Rita Amélia Teixeira; NOACK-NAPOLIS, Juliane (2010). “Hermenêutica Objetiva” e sua aplicação na pesquisa empírica em educação. **Linhas Críticas**. Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 305-326, jul/dez, 2010.

WELLER, Wivian. Aportes hermenêuticos no desenvolvimento de metodologias qualitativas. **Linhas Críticas** (on-line), v. 16, p. 287-304, 2010.

Submetido em: 24-2-2015

Aceito em: 19-5-2015